

No início deste mês, como o "Diário do Minho" oportunamente noticiou, a Casa do Avelar doou ao Arquivo Distrital de Braga o seu espólio documental. Na cerimónia de doação, o Director da Biblioteca Pública bracarense, Dr. Henrique Barreto Nunes, fez a apresentação do livro "O Arquivo e a Cidade", da autoria da falecida Dr.ª Maria da Assunção Jácome de Vasconcelos, antiga directora daquele Arquivo e em memória da qual a Casa de Avelar fizera tal doação. Dada a relevância da comunicação do Dr. Barreto Nunes, aqui a reproduzimos hoje integralmente.

O Arquivo e a Cidade:

Páginas da História Bracarense

da autoria de Maria da Assunção

Jácome de Vasconcelos



O Director da Biblioteca Pública de Braga, Henrique Barreto Nunes (à direita, na foto), durante a apresentação do livro da antiga directora do ADB

Sentimentos contraditórios assolam o meu espírito quando inicio esta intervenção: — O primeiro é de natural alegria, por ver o ADB [Arquivo Distrital de Braga], criado há 91 anos, unidade cultural da UM [Universidade do Minho], enriquecer o seu já valiosíssimo património documental com a preciosa doação do arquivo pertencente a uma das mais antigas e de "conhecida nobreza" famílias de Braga; — O segundo é de profunda tristeza, devido às trágicas circunstâncias que me levaram a estar aqui, a desempenhar este papel — porque ele decorre do desaparecimento físico da sua antiga directora, a minha colega e amiga Dra. Maria da Assunção Jácome de Vasconcelos Chaves, já que foi para perpetuar a sua memória que a família Jácome de Vasconcelos decidiu doar o seu arquivo a esta casa que ela tão dedicadamente serviu.

Conhecia parcialmente a descrição do conteúdo do Arquivo da Casa do Avelar, mercê do excelente trabalho da Dra. Ana Maria Macedo sobre aquela casa, intitulado "Família, sociedade e estratégias de poder", que foi apresentado pelo Prof. J. Viriato Capela, em sessão promovida pela Biblioteca Pública de Braga em 1996. Foi por isso com mal contida emoção que, no passado dia 24 de Setembro, me deslocuei à Casa do Avelar para formalizar a transferência do seu acervo documental para o Arquivo Distrital de Braga.

Papéis velhos, frágeis, delidos pelo tempo e pelo uso, escritos em letra indecifrável, para que servem?, dirão algumas vozes insensíveis, a pensar apenas nos custos de armazenagem, tratamento e conservação de tais papéis.

Eu, porém, via perpassar pelos meus olhos maravilhados, os pergaminhos e papéis que eram um testemunho material de 500 anos da história e da memória de uma família que justamente integra as elites bracarense;

- testemunho da sua linhagem, da sua genealogia, do seu património;
- testemunho dos cargos e funções que desempenharam durante séculos os membros dessa família;

- testemunho das causas por que se debateram, dos valores que defenderam;
- testemunho das mercês régias com que foram contemplados, das relações privilegiadas que mantiveram;
- testemunho da sua participação na vida política e social da cidade e do país;

Papéis que nos permitirão penetrar, talvez indistinctamente, na sua vida quotidiana, na sua intimidade, mesmo, quem sabe, nos seus sonhos e afectos.

E enquanto via passar as pastas repletas desses

documentos para a carrinha que os transportava, pensava:

Que sentiria o Senhor Vasco Jácome de Vasconcelos ao ver saírem porta fora esses papéis que aquela nobre casa tão cuidadosamente conservara durante 500 anos, numa rara linha de coesão e prolongada continuidade?

Foi com intuito de retribuir, ainda que simbolicamente, a grandeza e generosidade deste gesto, que o ADB se propôs reunir em livros os trabalhos publicados pela Dra. Maria da Assunção Vasconcelos. Com o claro apoio do Conselho Cultural e com a complicitade amiga do Dr. Duarte Chaves, foi então possível levar a cabo essa tarefa, da qual naturalmente tive que me incumbir.



Como convivi durante cerca de 30 anos, quase diariamente, com a Dra. Maria da Assunção Vasconcelos e com ela partilhei muitas alegrias e preocupações, projectos e iniciativas e acompanhei a sua actividade, neste caso concreto a que se traduziu na expressão escrita ao seu labor profissional e das suas investigações, não me era difícil conhecer a quase totalidade da sua bibliografia, composta por mais de 40 títulos.

A partir daí foi necessário seleccionar os trabalhos que justificariam a sua inclusão no livro que agora vos apresento, que entendi intitular: O ARQUIVO E A CIDADE: PÁGINAS DA HISTÓRIA BRACARENSE por que tal me parece reflectir as linhas mestras dos seus escritos, dedicados quer ao Arquivo Distrital de Braga, quer à história da cidade à qual se encontrava tão

profundamente e emocionalmente ligada. A edição do livro porém só se tornou possível devido ao generoso apoio mecenático do grupo SELECT/VIDEOR, presidido pelo Sr. Dr. Mário Costa, aqui representado pelo Sr. Dr. Santos Carneiro a quem expresso a nossa enorme gratidão.

A capa e o arranjo gráfico devem-se ao sentido estético, ao gosto de Luís Cristóvam, que também generosamente contribuiu para o êxito deste projecto. Uma última palavra de apreço à Dra. D.ª Alice Soares, da Reprografia da UM, que se empenhou em concluir a tempo este trabalho.

Como disse, o título deste livro pareceu-me o mais adequado às temáticas predominantes nos artigos de Maria da Assunção Vasconcelos, que são apresentados em 3 secções:

— Na 1.ª, com 6 artigos, reúnem-se os mais importantes trabalhos com que procurou dar a conhecer o ADB, a sua história, organização e fundos e os seus projectos. Mostram a evolução do seu pensamento neste domínio, evidenciando a aposta na introdução das novas tecnologias da informação e comunicação. O último destes textos é o relatório de actividades de 2005, que já não viu publicado e que reflecte algumas das suas principais preocupações: escassez de pessoal técnico, carência de espaço, material informático obsoleto. Refira-se que só este último problema foi parcialmente resolvido; os outros agravaram-se.

— A 2.ª secção, com 8 artigos, dedicada a esta cidade, é constituída pelos seus principais estudos sobre a história e o património locais. Tendo sempre como base de trabalho documentos existentes no arquivo, revela-nos a história de algumas das casas mais nobres e antigas de Braga e fala sobre o urbanismo da cidade, sobretudo a partir do célebre "Mapa das Ruas de Braga" de 1750, de cuja edição tanto se orgulhou.

Aqui também são apresentados 3 importantes trabalhos sobre o edifício em que nos encontramos, o antigo Paço Arquiepiscopal, contributo indispensável para uma futura história deste magnífico palácio que urge ser feita e na qual a UM através das suas escolas e centros de investigação penso se devia empenhar, como em tempos escrevi.

— A 3.ª secção, com 8 artigos, recolhe um conjunto de textos, em especial, inventário de fontes documentais aqui existentes e que mostram as imensas potencialidades dos seus fundos que nos permitirão melhor conhecer e estudar a arquidiocese, Viana do Castelo ou Chaves, o Brasil colonial ou mesmo a Rússia, Damião de Góis e Abel Salazar.

Tenho especial carinho pelo artigo "Velhos Cartórios e Livrarias", feito a meu pedido na altura da comemoração do V.º centenário do 1.º livro impresso em Braga e que é uma interessante contribuição para a história do livro nesta região.

Com este livro acredito que exaltamos a memória da Dra. Maria da Assunção Vasconcelos e o exemplar legado que nos deixou; homenageamos a família Jácome de Vasconcelos e seu marido e filha; Tornamos ainda mais viva a sua presença — a sua saudade — entre nós.

Resta apenas ao ADB, unidade cultural da Universidade do Minho, saber honrar o solene compromisso agora assumido. O ADB compromete-se a proceder à elaboração de um estudo orgânico-funcional e formas de acesso à informação mais elaboradas, nomeadamente a nível digital (catálogo on-line) num prazo de um ano! É um desafio que é lançado, não só à dedicada equipa de funcionários que sempre acompanhou a sua antiga directora, mas também, e sobretudo, a quem tutela o ADB. Numa reveladora entrevista concedida à revista do "Jornal de Notícias", em 11 de Março de 1990, a Dra. Maria da Assunção Vasconcelos, depois de enumerar as riquezas e potencialidades do ADB, dizia que "para pôr as coisas a funcionar com o mínimo de eficácia precisava de mais sete técnicas arquivistas trabalhando a tempo inteiro". Acrescentava o jornalista (Artur Queirós): "Um sonho que o Orçamento de Estado manterá na condição de sonho por muitos e longos anos, a não ser que a cultura comece a ser encarada como um bem precioso, que é preciso cuidar e preservar".

Isto em 1990. Não é adequado referir a situação actual. [Hoje os técnicos profissionais do ADB são apenas 6, há 5 administrativos e não existe qualquer técnico superior...].

Um sonho, referi atrás: Orgulho-me de pertencer a uma geração que, há 40 anos, primeiro em Paris, depois em Coimbra, inquietou o mundo e proclamou, entre outras coisas fantásticas:

— Somos realistas: queremos o impossível! Hoje, embora sabendo das dificuldades com que todos nos debatemos, dos tempos sombrios em que vivemos, mas porque acredito na missão e na importância das instituições da memória e da cultura como são a Biblioteca Pública e o Arquivo Distrital de Braga, continuarei a gritar até que alguém me ouça: QUEREMOS O IMPOSSÍVEL!

Henrique Barreto Nunes
(Braga, 1-10-2008)